



MEMORIAL FORMATIVO

ENTRE TEXTOS, CONTEXTOS E COTIDIANOS ESCOLARES: MINHA CAMINHADA FORMATIVA COMO PROFESSORA E PEDAGOGA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Ana Cristina Pereira do Nascimento¹

Rosana Marques de Souza²

Considerações iniciais

Sou Ana Cristina Pereira do Nascimento, tenho 53 anos de idade e 29 de profissão, nasci em Manaus, penúltima de 8 filhos e gêmea com um irmão. Meu pai, Francisco Castelo era motorista, funcionário público, e minha mãe, Ana Pereira, era doméstica. Eu e meus irmãos éramos incentivados a estudar pelo meu pai, o qual não tinha estudado, o pouco que sabia tinha aprendido com minha mãe.

A rotina de casa era ir para a Escola no turno matutino e à tarde fazer as tarefas domésticas, cuidar da minha irmã Down, bem como estudar o que nosso pai deixava como dever, pois, à noite ele chamava um a um para conferir: leitura, tabuada, cópia... nos finais de semana todos íamos para a Igreja católica do bairro participar ativamente nos serviços pastorais.

¹ Pedagoga e Professora da Escola Alternativa Padre Mauro Francello. Aluna do Curso de especialização em Gestão de Projetos e Formação Docente, ofertado pela Universidade do Estado do Amazonas em parceria com a Secretaria Municipal de Manaus. E-mail: anacristinapereira.nascimento@semed.manaus.am.gov.br

² Professora Especialista da Secretaria Municipal de Educação de Manaus, formadora do projeto Oficinas de Formação em Serviço da Secretaria Municipal de Manaus e da Especialização em Gestão de Projetos e Formação Docente, orientadora deste trabalho. E-mail: rosana.marques@semed.manaus.am.gov.br



Formada em magistério e graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Amazonas, hoje atuo como professora do 5º ano no turno vespertino e como pedagoga no turno matutino na Escola Municipal Alternativa Padre Mauro Fancello, situada no bairro de Petrópolis. Desde quando ingressei na Secretaria Municipal de Educação por meio de concurso público atuo na mesma escola. Participei de muitas formações, cursos, congressos, rodas de conversa oferecidos por esta Secretaria de Educação, os quais foram fundamentais para a minha prática docente e para minha atuação como coordenadora pedagógica da escola.

No ano de 2021 iniciei mais uma Formação, agora com o curso de Especialização Gestão de Projetos e Formação Docente, com ênfase em Gestão e Organização do Trabalho Pedagógico, desenvolvida através da parceria Universidade do Estado do Amazonas - UEA e Secretaria Municipal de educação de Manaus - SEMED, na qual os formadores ministram as disciplinas através do Projeto Oficinas de Formação em Serviço (OFS) da Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério (DDPM/SEMED).

Essa especialização chegou trazendo novas perspectivas e anseios por ser no meu local de trabalho, no meu horário de trabalho, falando do meu trabalho, ou seja, contextualizada a todo momento tanto com a realidade da sala de aula enquanto professora no turno vespertino, quanto com a prática de pedagoga no turno matutino.

Iniciamos a especialização em plena pandemia, através do aplicativo Zoom com aulas remotas, com medo, insegura, mas com desejo de dar certo, de retomar os estudos em um ambiente do qual me sinto parte, lembrando do início na Escola Alternativa, quando a prática era exatamente assim: de estudos e formações continuadas no próprio ambiente escolar, refletindo nossas problemáticas, lugar este que permitiu ser a educadora que sou hoje.

Ao escrever este Memorial Formativo pude visualizar minha trajetória até os dias atuais, me reconhecendo como uma profissional comprometida com a educação,



mas ao mesmo tempo refletindo tanto sobre o papel que exerço, quanto sobre a realidade vivenciada no cotidiano educacional.

Finalizando o curso de Especialização Gestão de Projetos e Formação Docente com ênfase em Gestão e Organização do Trabalho Pedagógico consigo visualizar, por meio da produção deste memorial, os caminhos percorridos durante esta especialização em serviço, os quais me trouxeram memórias, conhecimentos e certezas de que ser Educadora requer a prática de formação permanente em nosso contexto, fortalecendo mais ainda em mim o compromisso de coordenadora pedagógica em uma escola pública municipal.

Diante disso, deixo registrado aqui a etnopoesia produzida em uma das aulas com a professora Alice Ramos, enfatizando minhas memórias pessoais e identidade profissional durante este curso:

Quem Sou eu?
Sou quem sou, porque um dia alguém me chamou
para atuar com sabedoria
vem ser catequista, uma educadora cristã
a quem todos conquista para o amanhã.
Logo veio a profissão
mais um chamado exigindo dedicação
meu trabalho sendo aclamado com amor e gratidão.
Como educadora encontrei
crianças e adolescentes em risco social
nessa realidade reafirmei meu compromisso com o ideal.
No caminho traçado o melhor aconteceu
sem estar planejado a educadora venceu.
Hoje pedagoga entre textos e contextos
sem ser demagoga, produzo esse hipertexto.
Alternativa Padre Mauro Fancello
Escola da vida e da profissão
a qual me possibilitou a Pós graduação.



CAMINHOS DA DOCÊNCIA

Eu não escolhi ser Educadora, a Educação me escolheu. Meu primeiro contato como educadora se deu na adolescência, quando participava do grupo de jovens da Paróquia de Nossa Senhora da Glória, situada no bairro de mesmo nome. Fui convidada por uma catequista para ajudá-la na catequese de crianças aos sábados. Aceitei prontamente, pois gostava da companhia de crianças e com esse convite me tornei educadora cristã.

Ao cursar a oitava série no turno noturno, a professora de Geografia, Ivonete, me ofereceu um emprego na escola de uma amiga, a qual estava precisando de uma auxiliar para as professoras. Iniciei imediatamente na Escolinha Infantil Mônica, situada no Bairro de São Raimundo, vizinho do Bairro da Glória onde eu morava. Entre outras tarefas, rodava atividades no mimeógrafo, recebia e entregava as crianças no portão.

Apesar de minha irmã mais velha ser formada em Magistério, tias e primas atuando como professoras, nunca havia planejado seguir essa profissão. No entanto, ao ingressar no Ensino Médio ganhei uma bolsa de estudos da minha tia, professora no Instituto Batista Ida Nelson, onde cursei o Magistério estudando disciplinas específicas do fazer pedagógico, realizando estágios que começaram a despertar o gosto pela profissão que iniciava de fato.

Com o certificado de professora em mãos, iniciei a busca por um emprego, tanto para exercer a profissão, quanto para ajudar nas despesas de casa, pois estando já casada, morando na casa da sogra, almejava adquirir condições financeiras para conquistar a casa própria. Não foi difícil conseguir emprego como professora em escola privada, porém o salário era muito baixo e com isso trocava de emprego constantemente em busca de melhores condições financeiras.

Iniciei minha profissão de professora trabalhando com a Educação Infantil em escolinhas de pequeno porte, privadas, as quais eram exigentes com horários, rígidas



com o trabalho e atendimento em sala de aula, pagando um salário mínimo sempre atrasado.

Atendia turmas de crianças muito pequenas, de dois ou três anos, com as quais percebi que não estava atuando como professora, mas como cuidadora, me sentindo cansada e desmotivada, mesmo sabendo que a LDB determina em seu artigo 29, a educação infantil como a primeira etapa da educação básica.

Em 1993, uma prima que era professora me convidou para participar do Projeto Alternativo de Educação da Paróquia de São Francisco, ela havia sido convidada para esse trabalho, porém não aceitou e me indicou. Aceitei prontamente, já que era com carteira assinada, um salário-mínimo e meio, próximo de casa e também por ser um trabalho que envolvia o lado social e cristão com crianças e adolescentes em risco social da comunidade de São Francisco e adjacências, a partir de seis anos de idade (1ª a 4ª série).

Para ser contratada precisei passar por uma entrevista, elaborar um plano pedagógico e ministrar uma aula para a diretora do projeto, Raimunda Araújo da Silva. Sendo aprovada, comecei a trabalhar imediatamente, participando de formação com todos os envolvidos nesse projeto. Foram-nos apresentadas algumas metodologias e teóricos da Educação como Paulo Freire, Heloisa Villas Boas, Vigotski, entre outros, pela professora da UFAM Antônia Silva de Lima, em momentos de formação no espaço da escola.

Após o período de formação do grupo, elaboração de planos de aula, confecção de material pedagógico, decoração da sala de aula, iniciamos nosso trabalho com as crianças, sentindo o peso da responsabilidade em ser educadora, termo que aprendi e entendi nessa fase da minha vida profissional, com o qual logo me identifiquei, percebendo claramente o que Nóvoa cita quanto a importância do início da nossa profissão:

A relação que se estabelece, na formação inicial, entre os estudantes das licenciaturas e os professores da educação básica é muito importante para



conceber políticas de indução profissional, isto é, de inserção dos jovens professores na profissão e nas escolas. A formação nunca está pronta e acabada, é um processo que continua ao longo da vida (2019, p. 9).

E o mais importante realmente é entender que em nossa formação não há um ponto final, há sempre muito o que aprender. Neste momento exato da minha trajetória tive a certeza de que educadora era realmente o que eu queria ser, que estava no lugar certo, sentindo emoção e alegria em tudo que realizava dentro da escola Alternativa.

Em 1995, surgiu a oportunidade de fazer o concurso da Secretaria Municipal de Educação - SEMED, o qual oferecia vagas para professora e outras funções. Então montamos um grupo de estudo com todos os funcionários do Projeto Alternativo de Educação, o qual havia firmado um termo de comodato com a SEMED, tornando-se Escola Municipal Alternativa Padre Mauro Fancello e, com isso, precisávamos passar no concurso para sermos efetivados, conquistando a nossa segurança profissional. Em fevereiro de 1996 assumi como professora concursada na Escola Alternativa, com orgulho e realizada, na qual atuo até os dias de hoje.

A SALA DE AULA COMO TERRITÓRIO DOCENTE

Ao iniciar de fato o atendimento em sala de aula, atuando como professora da turma de 1ª série, para alfabetizar as crianças, percebi o quanto meu papel ali era fundamental e importante para o alcance dos objetivos propostos em um plano de aula anual, formulado e preparado por nós educadores dessa instituição de ensino, assim como também, me sentia responsável pelo sucesso escolar daquelas crianças.

Todos os dias eu ia para a escola empolgada e feliz pois estava amando meu trabalho. O grupo de educadores era coeso, crítico, criativo, atuante e comprometido. Havia troca de experiências, estudos em grupo, para os quais vinham professores da Universidade do Amazonas (UA) ministrar formações abordando temas propostos pelos próprios educadores na área da matemática, história, ciências, língua



portuguesa, mas especificamente, metodologias de alfabetização, sobre as quais sentíamos dificuldades em nossa prática diária.

A maioria das crianças e adolescentes atendidos neste Projeto eram marginalizadas pelo sistema de ensino, ou estavam fora das Instituições, ou estavam estacionadas em uma fase escolar por dificuldades de aprendizagem, como também, por problemas de cunho social (sem documentação, desemprego, famílias desestruturadas, área de risco etc.) Foi necessário estudarmos a Legislação para encontrarmos meios que pudessem resolver os problemas sociais, exigindo até mesmo o cumprimento destas pois como Carneiro, aponta:

Atualmente, mesmo possuindo uma das leis mais avançadas para o direito das crianças e adolescentes por meio do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, a realidade social do país ainda apresenta um alto índice de crianças e adolescentes nessa situação em função das desigualdades sociais e do alto índice de pobreza, tornando urgente a necessidade de que essa legislação seja cumprida de fato (Carneiro, 2015, p.11-12).

Diante dessa realidade, conhecendo os direitos civis de nossos educandos e intermediando para que a Lei fosse realmente cumprida é que nos propomos a aprender para ensinar, estudar mais para ajudar os estudantes a vencerem suas dificuldades, saindo dessa zona de fracasso, conquistando seu espaço na sociedade como cidadão digno de seus direitos, transformando sua própria realidade.

E para isso, eu, como professora, precisava ter a clareza e a competência do meu papel na Escola Alternativa, já que ela nascera com este propósito: formar por meio de uma prática pedagógica voltada ao desenvolvimento de competências, habilidades e da consciência crítica dos educandos, para que estes, desse modo, possam transformar a si mesmos e o meio social em que vivem. (PPP, 2020)

E assim, para alcançarmos de fato nossos objetivos educacionais e sociais, nos reuníamos aos sábados para estudar as abordagens teóricas sócio construtivistas, as quais consideram a educação como um instrumento de construção do indivíduo e do meio em que vive, como diz Paulo Freire (1987, p.20) “Ninguém



educa ninguém, nem tão pouco se educa sozinho, mas ambos se educam em comunhão mediatizados pelo mundo” E a abordagem Sócio–interacionista que segundo Vygotsky (1984) leva os indivíduos a interagir com o meio, refletindo e se posicionando criticamente a terem acesso ao saber acumulado, sabendo o que fazer com ele e a aprender a conviver em solidariedade e, dessa maneira, construírem uma sociedade justa e igualitária.

Desta maneira, “aprender é um ato de conhecimento da realidade concreta, isto é, da situação real, vivida pelo educando, e só tem sentido se resulta de uma aproximação crítica dessa realidade” (Luckesi, 1990, p.66). É exatamente com essa afirmação que eu tenho a oportunidade de participar através da Escola Alternativa do Projeto de Especialização em gestão de projetos de formação docente sob a coordenação geral da professora doutora Eglê Portela e professora Ma. Maria Quitéria Menezes e coordenação pedagógica da professora Ma. Ana Cláudia Sá. Um projeto que veio somar e acrescentar novos conhecimentos na minha prática de professora e pedagoga.

TRAJETÓRIA NA FORMAÇÃO CONTINUADA

Como professora concursada da SEMED, nos foi oferecido diversas formações ao longo dos anos, algumas me marcaram adicionando conhecimentos significativos e fundamentais para minha prática no cotidiano escolar. Dentre as inúmeras formações, lembro de temas específicos como: “dificuldades de aprendizagem”, “relação professor-aluno”, “psicologia da aprendizagem”, “metodologias educacionais”, “jogos educativos”, formações desenvolvidas no âmbito do CFPM - Centro de Formação Profissional do Magistério, por meio da formação Tapiri, formação em polo, formação continuada, enfim, foram vários momentos de formação até os dias atuais, acrescentando conhecimentos e experiências como também, novas competências enquanto profissional da educação.



Ao participar das formações, seminários, oficinas e congressos eu crescia como profissional e também como pessoa, pois sabia que a minha formação no magistério não era suficiente para atuar frente aos inúmeros desafios que a prática docente me apresentava dia a dia, tanto em relação a aprendizagem como também nas relações interpessoais, nos aspectos afetivos e sociais envolvendo os educandos, suas famílias e todos os implicados no processo educativo.

No ano de 2005 fui desafiada a fazer o concurso para Pedagoga, já que estava atuando com carga dobrada na função de Articuladora de Projetos no turno vespertino da mesma escola, coordenando os projetos advindos da SEMED, como também, os da própria escola. Diante desse desafio, passei a estudar à noite no Projeto Raio de Luz, cursinho preparatório para concursos e vestibular no bairro de São Francisco, coordenado pela professora e pedagoga Raimunda Araújo da Silva, primeira diretora da Escola Alternativa. Passei no concurso e a diretora, à época, Maria do Carmo Rodrigues, solicitou ao gerente pedagógico e administrativo que eu fosse lotada na mesma Escola e, mesmo tendo outra pedagoga lotada na Escola Alternativa, ela conseguiu que eu fosse efetivada, então assumi como Pedagoga no turno vespertino.

Apesar de já estar atuando como coordenadora de projetos na escola, e ser professora há mais de dez anos, ainda sentia insegurança em exercer o papel de pedagoga, pois precisava de competências específicas para essa função dentro da escola. Para me sentir mais segura e capaz, fazia questão de participar de todas as formações oferecidas pela SEMED. Dentre os temas, houve alguns bem significativos à minha necessidade naquele momento como “as políticas educacionais” - LDB (Lei 9394/96); “A formação dos professores”, “Gestão educacional”, “Liderança” “Inteligência emocional” entre tantas disponibilizadas.

Acontece que ao mudar de endereço, a escola Alternativa cresceu em estrutura física e em problemáticas envolvendo todo o processo educativo e eu, como pedagoga, estava me sentindo impotente frente a essa nova realidade. Foi nesse



contexto que a gestora Leslye se interessou e inscreveu a escola para participar do projeto OFS/SEMED, proporcionando oportunidade para mais uma formação na minha área de atuação e crescimento profissional reconhecendo quando Cristov (2009, p. 38) fala:

é importante sabermos que teoria e prática sempre andam juntas, mesmo que não tenhamos muita clareza sobre as teorias que estão influenciando nossa prática. Sempre poderemos encontrar aspectos teóricos em nossas ações.

Portanto, à medida que eu participava das aulas e dos encontros formativos, fazia essa ligação da teoria com a prática diária no fazer pedagógico, lidando com os atores envolvidos nessa realidade, mediando e propondo estratégias significativas para o alcance dos objetivos de aprendizagem e desenvolvimento dos nossos educandos.

E um dos momentos significativos foi a primeira Oficina programada, na qual fui incitada a refletir e repensar sobre a forma de planejar, reforçando a minha concepção de planejamento coletivo e inclusivo. Como Pedagoga precisava manter a postura que sempre tive com os envolvidos no processo, ou seja, do diálogo e da escuta e do respeito sem julgamentos.

Fazer parte deste Projeto de especialização em serviço me trouxe novo ânimo e novas expectativas pois fazia a relação das minhas ações cotidianas com os temas abordados nos encontros formativos.

PROJETO OFICINAS DE FORMAÇÃO EM SERVIÇO/PÓS-GRADUAÇÃO EM SERVIÇO

O curso de Especialização Gestão de Projetos e Formação Docente, com ênfase em Gestão e Organização do Trabalho Pedagógico me foi apresentado pela Leslye Moutinho, diretora da escola, no início do ano de 2021, com muito entusiasmo e várias expectativas por parte dela, pontuando o trabalho da Oficina de Formação em Serviço - OFS/UEA em parceria com a SEMED como fundamental para a dinâmica



da nossa Escola. Essa novidade me deixou com o mesmo entusiasmo da Gestora Leslye, principalmente quando recebemos a visita da Equipe da OFS na escola para firmar a realização desta Especialização no chão da escola, de acordo com nossa realidade, visualizando e ao mesmo tempo estudando as problemáticas.

Um trabalho de qualidade na educação pública era um dos meus objetivos enquanto professora e pedagoga e, ao mesmo tempo, um desafio em plena pandemia, a qual evidenciou as problemáticas já existentes anteriormente no contexto escolar atendendo quase 700 estudantes, como, déficit de aprendizagem, educandos inclusos com deficiências intelectuais, autistas, síndrome de down, entre outras. Além disso, Rotatividade de professores, professores com dificuldade em atender essas crianças especiais, além da problemática de falta de acesso dos estudantes as novas tecnologias educacionais, o pouco domínio por parte dos professores destas tecnologias existentes na Escola.

Não bastassem os problemas já elencados, estava fragilizada emocionalmente pela perda de amigos próximos, como a professora Lane Lélis, que trabalhava há mais de dez anos comigo, desmotivada e até mesmo insegura quanto ao futuro próximo. Naquele momento, receber uma equipe comprometida com a formação continuada trouxe novo alento ao meu trabalho, me fazendo sentir amparada profissionalmente para atender as demandas do contexto educacional.

Ao iniciar a especialização fui ouvida, acolhida para falar de mim como pessoa e como profissional, para depois iniciarmos as leituras e produções acadêmicas. Foi necessário maturidade e senso de organização da minha parte para conciliar o curso de especialização em serviço com as atividades e responsabilidades de professora e pedagoga.

Diante dessa realidade, com apoio e acompanhamento das formadoras, foi construído coletivamente a matriz Problematicadora da escola pontuando os problemas já citados. Esta matriz problematicadora nos possibilitou a construção do



projeto formativo dos professores, partindo das discussões, leituras e reflexões acerca das problemáticas evidenciadas na Escola.

Então para minimizar os problemas evidenciados da escola, escolhemos coletivamente as oficinas formativas dos laboratórios experienciais: Oficina Educação Especial e os Desafios da Educação Inclusiva; Oficina de Formação de Tecnologias Interativas aplicadas à Educação; Oficina de formação Interdisciplinar de Alfabetização e Letramento.

A realização dessas oficinas experienciais provocou a melhoria tanto do meu trabalho docente, quanto o meu trabalho de pedagoga, sobretudo, na organização do trabalho pedagógico, uma vez que contribuiu para solucionar vários problemas no processo de ensino e aprendizagem. Inclusive, senti mais segurança na orientação aos professores no cotidiano escolar, visto que nos deparamos com uma nova realidade: nova equipe de professores, maior quantitativo de estudantes e pais, além do novo prédio com maior estrutura física.

Paralelamente a essa formação dentro da escola, participei, juntamente com a gestora Leslye e a pedagoga Leda Neres, dos encontros formativos, os quais iniciaram via aplicativos online, na escola, e depois na DDPM com as formadoras Rosana Marques e Samara Magalhães, com momentos de reflexão da prática muito importantes para meu trabalho pedagógico na Escola.

Nestes momentos formativos tivemos temas voltados para o papel do gestor e do pedagogo, em que pude perceber claramente a valorização da minha identidade de pedagoga, repensando e refazendo as ações cotidianas no ambiente escolar a partir das rodas de conversa, envolvendo experiências teórico práticas com outros gestores e pedagogos da turma.

Neste percurso formativo houve alguns entraves como troca de gestão da escola, rotatividade de professores, clima de insegurança entre funcionários, porém, dei continuidade tanto à formação quanto ao trabalho no cotidiano escolar, exercendo



meu papel com responsabilidade dentro da equipe diretiva, sem perder de vista meu maior objetivo, a qualidade no processo de ensino e aprendizagem dos estudantes, como também o meu compromisso com a formação dos professores, formação esta, fundamental para o alcance de uma prática educativa responsável e eficaz.

OFS: A CONSTRUÇÃO E O DESENVOLVIMENTO DO PROJETO FORMATIVO

A construção do Projeto Formativo junto aos professores, acompanhados de perto pela professora formadora Alice Ramos, me proporcionou vários benefícios, como o conhecimento do contexto de todas as turmas e o contexto escolar como um todo, me deixando mais segura quanto ao acompanhamento dos projetos de aprendizagem realizados na escola, num total de doze projetos, abordando todas as problemáticas elencadas, envolvendo os temas da inclusão, alfabetização e letramento, psicomotricidade, música e movimento, tecnologias interativas para a alfabetização e letramento.

Percebi o interesse dos professores em desenvolver ações e estratégias a fim de resolver as dificuldades enfrentadas no processo de ensino e de aprendizagem, alcançando os objetivos propostos, bem como, a qualidade no ensino, estudantes adquirindo aprendizagem significativa e eficiente, tirando-os da situação de defasagem no seu desenvolvimento cognitivo. Acompanhei cada Projeto de Aprendizagem sendo desenvolvido nas salas de aula, na biblioteca, na quadra, no auditório, na sala de recursos observando e me encantando com a criatividade, a criticidade e empenho de cada professor envolvido.

A relevância desse Projeto Formativo construído coletivamente resultou na Mostra de Aprendizagens Transdisciplinares apresentada na quadra da escola envolvendo todos os professores, estudantes, alguns Pais e Responsáveis, Equipe de Formadores da OFS para demonstração dos Projetos de Aprendizagem desenvolvidos nas turmas da Educação Infantil e dos Anos Iniciais de 1º ao 5º ano.



Foi um momento ímpar desse curso de Especialização, em que pude visualizar todo o caminho percorrido, os avanços, as dificuldades e as conquistas vivenciadas no contexto escolar. Faço questão de ressaltar a reflexão constante na minha prática como pedagoga neste momento do curso especificamente, ao olhar e ver o quanto produzimos enquanto equipe para o alcance da melhoria da aprendizagem significativa dos alunos, principalmente a alfabetização destes.

É notório o excelente resultado do trabalho desenvolvido, já posso perceber, através do rendimento escolar, a evolução dos estudantes nas suas habilidades de leitura, de escrita, de resolução de situações problemas, além do bom desenvolvimento afetivo e social. Hoje temos professores mais envolvidos e comprometidos com a prática pedagógica diferenciada, utilizando com autonomia a tecnologia como um recurso a mais na sala de aula, atendendo os alunos inclusos com deficiências mais seguros, resultado esse, que só comprova o quanto somos capazes de exercer nosso papel de educadores com excelência, a partir do momento que reconhecemos a realidade na qual estamos inseridos e podemos modificá-la de acordo com conhecimentos adquiridos através dos estudos. E foi exatamente isso que aconteceu com o curso de Pós-Graduação em Gestão de Projetos e Formação Docente.

Enquanto pedagoga, penso, reflito e reconheço o quanto foi fundamental essa especialização dentro do espaço escolar, a qual me proporcionou discutir, elencar e resolver as problemáticas do nosso contexto de forma coletiva, me sentindo responsável por todo o processo dentro da Escola visto que,

A formação continuada se faz necessária para atualizarmos nossos conhecimentos, principalmente analisarmos as mudanças que ocorrem em nossa prática, bem como para atribuímos direções esperadas a essas mudanças (Christov, 2003, p. 44).



Ou seja, não dá para continuar estagnada em um mesmo lugar com a mesma forma de pensar e agir, depois de vivenciar momentos formativos, nos quais venho me aperfeiçoando e compreendendo cada vez mais que as mudanças são necessárias.

No primeiro encontro de pedagogos e gestores foi muito bem discutido e evidenciado o papel do diretor e do pedagogo, valorizando as vivências cotidianas e suas implicações no ambiente escolar, tema que me proporcionou segurança e embasamento para a construção e desenvolvimento do Plano de Ação da gestão e organização do trabalho pedagógico. Como Pedagoga, apresentei um banner do Plano de Ação, trazendo todas as ações que foram desenvolvidas durante o planejamento e a execução dos projetos de aprendizagem dos professores. A formação específica para os gestores que recebemos concomitante com as aulas da pós, me preparou para este momento, pois eu sabia exatamente qual era o meu papel nesse processo e, hoje, compreendo que todas as ações realizadas, contribuíram para o sucesso da atividade.

OFS: A CONSTRUÇÃO E O DESENVOLVIMENTO DO PLANO DE AÇÃO DA GESTÃO E ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO

Iniciei o ano de 2023 empolgada para colaborar com os professores na produção e execução dos projetos de aprendizagem e, nessa perspectiva, coloquei a mão na massa e elaborei o Plano de Ação para atender essa etapa da especialização que seria o Módulo Experiencial. Nessa fase final do curso pude contar com o apoio e orientação das formadoras que foram dissipando as dúvidas, se fazendo presente sempre que era necessário, colaborando na confecção do banner para a Mostra de Aprendizagem da Escola. Mesmo estando sozinha à frente do grupo de professores, não me senti mais sozinha já que a formadora da Escola, Alice Ramos e as formadoras



Rosana e Samara estavam acompanhando todas as ações, realizando ajustes no Plano de ação de forma presencial, oferecendo apoio e sugestões pelo WhatsApp.

O curso de especialização em Gestão de Projetos e Formação Docente, trouxe um diferencial para esta edição, oferecendo formação específica para a equipe gestora da escola. Desta maneira, paralelamente ao início das aulas da pós, as formadoras Samara Magalhães e Rosana Marques, apresentaram o projeto formativo da Gestão e Organização do Trabalho Pedagógico – GOTP para os diretores (as) e pedagogos (as) das escolas participantes do projeto OFS. Naquela ocasião, eu trouxe como expectativa o desejo de associar a minha prática e a experiência vivenciada dentro da escola com os estudos e leituras do curso, assim como refletir também acerca do meu trabalho pedagógico, da nossa ação dentro do contexto educacional.

Pretendia me atualizar quanto ao conhecimento científico e teorias da educação, falei desse desejo na primeira conversa dirigida, a qual trazia a reflexão quanto a minha identidade como pedagoga e a cultura organizacional da escola que naquele momento estava muito conturbada devido ao período de pandemia, excesso de trabalho e demandas vindas da Secretaria Municipal de Educação a serem cumpridas em tempo hábil.

Pude expressar nessa conversa a minha necessidade e vontade para estudar, senti segurança e apoio por parte das formadoras na formação que se iniciava a partir da minha própria realidade. As leituras, as discussões, os depoimentos de outros diretores e pedagogos foram me proporcionando gradativamente reflexão e amadurecimento dando clareza a minha prática no dia a dia da escola.

A segunda conversa dirigida foi um momento no qual tratamos sobre as concepções de Evidência ou Julgamento e a Importância do Registro, redirecionando o nosso olhar para as práticas de registros e julgamento enquanto equipe de gestão e contribuindo para o meu entendimento quanto a elaboração do projeto de gestão da escola. As formadoras utilizaram na ocasião um livro de caixa com perguntas sobre



como se pode ver a vida com positividade diante dos desafios e descobrir suas potencialidades, perguntas que me colocava sempre em uma posição reflexiva ao responder. Realizamos a discussão sobre a diferença entre evidência e julgamento; problematizações em torno de seus saberes sobre os temas, exploramos o espaço da sala para construir os conceitos inseridos e suas vivências. No entanto, o que foi mais significativo nesta formação foi compreender a importância do registro para refletir minha prática pedagógica, que segundo Weffor, (1995, p.10): “A reflexão registrada tece a memória, a história do sujeito e de seu grupo. Sem a sistematização deste registro refletido não há apropriação do pensamento do sujeito-autor”. Para além da autoria, pesquisadora de minha prática refletida e transformada.

A terceira Conversa Dirigida teve como tema a Formação Continuada, a Interculturalidade e a Educação Inclusiva. Tivemos acesso a figuras com cenas para organizarmos uma trilha formativa em um quadro de aprendizagens. Nesse momento o que me chamou mais a atenção foi quanto ao real sentido da inclusão escolar, pois percebi que possuía uma visão limitada, já que focava e me preocupava em atender os estudantes com deficiências achando que somente isso já era considerado inclusão, quando na verdade, eu precisava compreender que além disso, havia a necessidade de combater a discriminação, enaltecer a diversidade, promover a participação, bem como, superar as dificuldades no processo de aprendizagem de nossos estudantes. Nessa conversa, as formadoras apresentaram um excerto para a reflexão do grupo sobre o conceito de educação inclusiva, de acordo com Stubbs, afirmando que:

A educação inclusiva refere-se a uma vasta gama de estratégias, atividades e processos que visam tornar uma realidade os direitos universais para a qualidade, e uma educação relevante e adequada. Reconhece que a aprendizagem começa no nascimento e continua ao longo da vida, e inclui a aprendizagem em casa, a comunidade, em situações formais, informais e não formais. Procura permitir que as comunidades, sistemas e estruturas em todas as culturas e contextos combatam a discriminação, celebrem a diversidade, promovam a participação e superem as barreiras da aprendizagem e participação para todas as pessoas. Faz parte de uma



estratégia mais vasta para a promoção do desenvolvimento inclusivo, com o objetivo de criar um mundo onde, exista paz, tolerância, uso sustentável de recursos, justiça social, e onde as necessidades básicas e direitos para todos se encontram (Stubbs, 2008, p. 50).

A partir desta reflexão foi possível ampliar o conceito e identificar em meu contexto de trabalho alguns aspectos referentes à educação inclusiva. Ao final dessa roda de conversa e interação, fui incentivada a pontuar acerca dos questionamentos: o que sei; o que não sei; quero saber: sobre Formação Continuada, Educação Inclusiva e Interculturalidade. Neste momento meu olhar voltou-se para a educação inclusiva a qual eu precisava conhecer mais e visualizar como um ponto de atenção na minha prática ao pensar no atendimento às famílias venezuelanas, às crianças que não participaram das aulas online, às crianças órfãs na pandemia, aos estudantes com defasagem na aprendizagem e não alfabetizados, como também na interação com toda a equipe escolar.

Para o contínuo formativo, foi proposto uma atividade formativa na escola, a Observação da Prática de Gestão e sugerimos que as formadoras Rosana e Samara, presenciassem uma reunião entre eu e a gestora, uma ação comum em nosso cotidiano. Naquele momento a Leda estava assumindo como gestora, porém segura e competente à frente do trabalho. A ação consistia em organizar e validar ações da escola para tratar algumas problemáticas. O olhar das formadoras sobre o nosso fazer me causou um pouco de receio, mas ao mesmo tempo procurei demonstrar naturalidade, mantendo o foco na atividade, mas principalmente, cumprindo meu papel e contribuindo na resolução das problemáticas no contexto da escola. Tenho hipóteses, faço interpretações daquilo que realizo, mas vivenciando a observação, pude constatar minhas preferências teóricas e vivências anteriores.

A respeito da estratégia de observação da prática (Neto, 2004, p. 60), afirma:

A importância dessa técnica reside no fato de podermos captar uma variedade de situações ou fenômenos que não são obtidos por meio de perguntas, uma vez que, observados diretamente na própria realidade, transmitem o que há de mais imponderável e evasivo na vida real.



As problematizações feitas pelas formadoras após a observação foram todas baseadas em evidências extraídas durante a ação, presenciaram meu fazer por outro ângulo, me chamando à reflexão. Analisei a importância dos meus atos como pedagoga, minha responsabilidade em ouvir diferentes questionamentos e possibilidades, promover a interação entre os envolvidos no cotidiano da escola, assim como, estar ao lado da gestora para discutir o papel da escola, sua identidade e também a cultura organizacional com seus pontos positivos e negativos, fatores estes abordados nesta atividade.

Após essas ações na escola, passamos a participar de encontros coletivos com todos os gestores na DDPM de forma presencial. No primeiro encontro nos foi apresentado o tema: Gestão e Cotidiano: Identidades e vivências, suas implicações na formação continuada no ambiente escolar, onde tive oportunidade de repensar minha identidade enquanto pedagoga, selecionando, agrupando meu fazer diário através da organização das atribuições do pedagogo de acordo com o Regimento Geral das Escolas Municipais de Manaus.

Na dinâmica inicial realizada a partir do livro de caixa sobre quem você é e questionamentos sobre concepções de gestão, percebi que muitas vezes dentro do espaço escolar me preocupo e me ocupo muito com as demandas advindas da Secretaria de Educação. Deixando de lado as minhas reais atribuições de pedagoga, assim como não priorizando o que é primordial para uma educação de qualidade e que colabore para a aprendizagem significativa de nossos estudantes. Deixo muitas vezes de acompanhar, auxiliar e orientar os professores no trabalho em sala de aula, tarefa esta que não é tão fácil por conta da complexidade, pois exige do pedagogo conhecimento político, pedagógico, pessoal e administrativo. Nesse contexto, Vasconcelos (2006, p. 87) afirma que

[...] é importante lembrar que, antes de mais nada, a coordenação é exercida por um educador, e como tal deve estar no combate a tudo aquilo que desumaniza a escola: a reprodução da ideologia dominante, o autoritarismo,



o conhecimento desvinculado da realidade, a evasão, a lógica classificatória e excludente [...], a discriminação social na e através da escola etc.

Como pedagoga tenho clareza da minha função, sei da importância do meu trabalho no ambiente escolar, mas não é fácil nadar contra a corrente. Muitas vezes me sinto cansada, desmotivada e adoecida. O fato de atuar na escola como professora em um horário, me alimenta e me dá forças para seguir em frente e acreditar que é possível lutar contra essas “barreiras invisíveis” que nos tiram a autonomia e tentam matar nossa arte de ser educador.

Em um segundo encontro formativo foram compartilhadas as Matrizes Problematicadoras das escolas para conhecimento e análise do grupo. O tema da formação foi A Organização do Trabalho Pedagógico Democrático e Inclusivo no Cotidiano Escolar. Nesse dia realizamos um Júri Simulado, envolvendo todos os participantes, problematizando os seguintes temas: Formação Continuada, Cotidiano, Interculturalidade, Educação Inclusiva, Gestão Democrática e Participativa, Organização do Trabalho Pedagógico, Decolonialidade; discutindo e ao mesmo tempo refletindo sobre as Relações destes com a Organização do Trabalho Pedagógico Escolar. Foi uma aula interessante e produtiva, me trazendo novas perspectivas enquanto coordenadora pedagógica de uma escola tão grande, repleta de potencial e ao mesmo tempo, um ambiente com problemáticas comuns a outras instituições de ensino de uma sociedade injusta e excludente, porém me sinto capaz e digna do exercício de minha profissão, principalmente após esse curso de especialização acontecendo dentro da escola.

Outro encontro fundamental para que eu avançasse em minha atuação de pedagoga, foi quando discutimos sobre as ações cotidianas do diretor (a) e do pedagogo (a) e o perfil formativo. Naquele momento eu estava me sentindo sozinha pois, novamente a escola passava por mudança na gestão. Uma mudança arbitrária e desnecessária, que desestabilizou todo um trabalho coletivo da escola. No entanto, como costumo falar que quem ama o que faz, faz o melhor, continuei em contato com



as duas ex gestoras da escola que, mesmo fora do contexto escolar, continuavam a cursar a pós em gestão e nos encontrávamos nas formações oferecidas na DDPM.

Após todo o processo formativo vivenciado com as formadoras e com outras equipes de gestão participamos de duas oficinas programadas: Planejamento Democrático e Inclusivo da Equipe Gestora e o cotidiano da organização do trabalho pedagógico da Escola Municipal Waldir Garcia, estruturada nos princípios da gestão escolar democrática, popular e inclusiva. Ao visitar e ouvir a experiência da pedagoga da escola Waldir Garcia me senti voltando ao tempo, ao passado, quando iniciei meu trabalho de professora na escola Alternativa, um projeto de educação voltado para os menos favorecidos de nossa sociedade, um trabalho que priorizava o coletivo, a formação continuada no espaço da própria escola abordando as problemáticas vivenciadas no nosso dia a dia. Essa oficina despertou em mim a vontade de retomar os mesmos princípios do Projeto Alternativo de Educação iniciado em 1993.

No momento em que parei para uma autoavaliação, em uma conversa individualizada com a formadora Rosana da minha prática de gestão e organização do trabalho pedagógico, reconheci o quanto eu avancei em minhas convicções, amadurecendo meu jeito de fazer, percebendo os pontos frágeis e ao mesmo tempo me sentindo capaz de fazer o diferencial no trabalho pedagógico da escola. Não é comum se autoavaliar por conta própria, ficamos sobrecarregados muitas vezes com a parte burocrática e esquecemos da necessidade de correção de rotas. Às vezes parar e refletir é necessário, e a autoavaliação promoveu isso. Esse momento serviu ainda para constatar que aquelas expectativas trazidas por mim no início desta especialização, foram alcançadas com certeza.

A especialização me proporcionou essa formação personalizada. Alguém – formadoras - olhou para mim, quis saber de mim como pessoa e profissional. Tornou-se um processo singular e rico em detalhes, considerando minha história, sonhos e possibilidades e, poder participar, como indica o trecho seguinte:



A formação de cada um é um processo singular, rico em detalhes, nem sempre perceptíveis à primeira vista. Cada um tem sua história, cheia de encontros e desencontros, de limites e possibilidades, que precisa ser levada em conta. Não levar em conta o processo de cada um pode ser uma das razões que dificultam o envolvimento dos educadores com os programas oficiais de formação. (ALMEIDA, 2005, p. 76).

As formações que recebi na especialização consideraram todo o meu processo. Senti-me acolhida, valorizada e, principalmente, respeitada na minha singularidade e no meu fazer.

Quanto à atuação da dupla gestora de uma escola, faz-se necessário que estejam em sintonia, que o diálogo, a escuta seja constante, e, principalmente que haja confiança entre as ambas, cumplicidade, admiração e competência. Ao passar por sete mudanças de gestoras durante 29 anos atuando nesta escola, sempre consegui dialogar e desenvolver um trabalho de parceria em prol do trabalho educativo de qualidade. É uma pena que durante este curso de especialização a escola tenha trocado de gestoras duas vezes, o que compromete o alcance dos objetivos propostos para a Escola ao final desta formação oferecida para toda a equipe pedagógica e administrativa.

Enquanto pedagoga sempre busquei e promovi um ambiente dialógico com todos os envolvidos no espaço educativo: educadores, educandos, família, assessores, estagiários, etc., priorizando o coletivo, valorizando as habilidades de cada um, colaborando nos pontos fracos e buscando vencer os desafios das problemáticas vivenciadas em nosso cotidiano. E ao iniciar a última parte do Curso fomos agraciados com a notícia de que escreveríamos um memorial formativo como Trabalho de Conclusão do Curso - TCC.

Para isso, participei dos encontros oferecidos na DDPM, recebendo orientações e fundamentações teóricas para a produção escrita. Mesmo assim, a produção deste memorial não foi tão simples como imaginei, contudo, me proporcionou uma consciência mais crítica da realidade vivenciada, fazendo com que



eu me voltasse para minha formação enquanto profissional, revisse minha identidade de professora e de pedagoga, analisando minhas práticas pedagógicas de forma reflexiva e com certeza, alcançando o protagonismo na gestão educacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

São tantos desafios enfrentados em meu dia a dia no âmbito pessoal e profissional que levam algumas vezes ao comodismo, ao desânimo e ao fazer por fazer, porém não posso esquecer que lido com vidas, sou responsável pelo desenvolvimento integral de seres humanos, de crianças e como diz Ailton Krenak “Você não pode esquecer de onde é e nem de onde veio, porque assim você sabe quem você é e para onde vai”.

Ao longo deste curso de Especialização Gestão de Projetos e Formação Docente, com ênfase em Gestão e Organização do Trabalho Pedagógico vivenciei novas expectativas em relação ao fazer pedagógico, visualizei objetivos, os quais foram alcançados por mim e um deles foi ter clareza da minha função e importância na equipe gestora.

A cada etapa vivenciada no decorrer do curso pude perceber claramente a realidade na qual estou inserida, colocando em prática os conhecimentos apreendidos, utilizando estratégias significativas para a consolidação do trabalho pedagógico de qualidade.

Foram muitos encontros formativos envolvendo rodas de conversa, aulas expositivas, oficinas, júri simulado, estudos de caso, produções e reflexões acerca da gestão e organização do trabalho pedagógico desenvolvido em nosso cotidiano. As formações/aulas foram fundamentais para a elaboração de ações significativas em meu fazer, me chamando sempre à reflexão da realidade vivenciada, algumas vezes recuando e outras avançando sempre com o objetivo de integrar e articular os



conhecimentos recebidos com a equipe pedagógica da escola, bem como, com todos os atores envolvidos no processo educativo.

Tenho clareza de que a formação continuada tem como principal objetivo a melhoria e o alcance da qualidade na minha profissão, e eu como educadora, me empenhei em participar de cada etapa, mesmo com a dificuldade em sair da escola para participar das formações na DDPM. No entanto, a cada encontro formativo eu refletia sobre minhas atitudes e posicionamentos, aceitando meus limites, ponderando minhas ações no âmbito da escola, com meus pares e assim avancei na compreensão da minha identidade profissional.

Em minha atuação como pedagoga tenho a convicção de que o trabalho coletivo se faz necessário para identificar as problemáticas, redefinir as práticas docentes intervindo e resolvendo estas problemáticas. Pude vivenciar isso através das ações desenvolvidas durante o curso como elaboração dos documentos: matriz problematizadora, projeto formativo, Plano de Ação da Gestão, como também, o acompanhamento dos Projetos de Aprendizagem dos professores nas salas de aula.

Acredito que o objetivo de refletir sobre minha identidade de pedagoga, valorizando as vivências no cotidiano escolar assim como suas implicações foi alcançado, pois percebo o quanto essa formação me possibilitou analisar a mim mesma e também o meu trabalho desenvolvido no contexto da escola, reconhecendo e me posicionando na realidade social da qual faço parte.

Concluo a especialização com a certeza de que saio diferente de quando eu iniciei o curso e, o pensamento abaixo expressa bem o meu sentimento: “Talvez não tenhamos conseguido fazer o melhor, mas lutamos para que o melhor fosse feito, não somos o que deveríamos ser, não somos o que iremos ser, mas, graças a Deus, não somos o que éramos” (Martin Luther King).



REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. **Como se faz uma escola aberta? Experiência de abertura de uma escola na periferia de São Paulo**. São Paulo: Paulus, 2005.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília: 1996.

Bruno, Eliane Bambini Gorgueira; Christov, Luiza Helena da Silva (orgs.) **O coordenador pedagógico e a educação continuada**. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

CARNEIRO, Samara Oliveira de Magalhães. **Pedagogia Salesiana de Dom Bosco e educação inclusiva: histórias de vida de ex-alunas da Casa Mamãe Margarida em Manaus/Am.** /Tese (Doutorado em Ciências da Educação) – Universidade Americana. 2015.

CHRISTOV, Luiza Helena da Silva. **Coordenador pedagógico e a educação continuada**. São Paulo: Loyola, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

Lei de Diretrizes e Bases nº 9.394/96 BRASIL, 1996.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Cortez, 1990.

NETO, Otávio Cruz. O trabalho de campo como descoberta e criação. *In*: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org). **Pesquisa Social**. 23.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

NÓVOA, Antônio. **Os Professores e a sua Formação num Tempo de Metamorfose da Escola**. Universidade de Lisboa (ULisboa), Lisboa – Portugal. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 44, n. 3, e 84910, 2019.

PIMENTA, Selma Garrido. LIMA, Maria do Socorro Lucena. **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez, 2004.

Projeto Político Pedagógico da Escola Municipal Alternativa Mauro Fancello, 2020.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Coordenação do trabalho pedagógico: do projeto político-pedagógico ao cotidiano da sala de aula**. São Paulo: Libertad, 2006.



VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo, Martins Fontes. 1984.

WEFFORT, Madalena Freire. **Observação, Registro, reflexão**: Instrumentos Metodológicos I. São Paulo: Espaço Pedagógico. 1996.